

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# We Are But One: a estética da transformação radical em The Pandrogeny Manifesto

Pâmela Keiti Baena

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9862>

Submetido em: 2024-09-12

Postado em: 2024-09-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## WE ARE BUT ONE: A ESTÉTICA DA TRANSFORMAÇÃO RADICAL EM THE PANDROGENY MANIFESTO

PÂMELA KEITI BAENA / A 1

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1967-3534>

<pamelabaena@hotmail.com>

Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, Brasil.

**RESUMO:** E se fosse possível consumir o imperativo bíblico e fazer de dois corpos uma só carne? O Projeto Pandrógine se propôs a levar adiante essa indagação. Genesis P-Orridge, ex-vocalista da banda industrial Throbbing Gristle, e Lady Jaye, enfermeira e dominatrix, fizeram de sua relação um projeto artístico permanente. Um relacionamento sexual-afetivo não lhes era suficiente; desejavam materializar em seus corpos sua união, fundindo-se num único ser: pandrógine. Inspirando-se na técnica *cut-up*, iniciaram o processo de desconstrução de seus corpos para tornarem-se mais semelhantes fisicamente, realizando cirurgias plásticas e vestindo-se idêntiques. Genesis, inicialmente um homem cisgênero, submeteu-se à transição para se aproximar de Lady Jaye. Sem se render à procriação biológica da espécie, juntos, elus criaram um terceiro ser: Breyer P-Orridge, o ser pandrógino. Em diálogo com José Esteban Muñoz, Paul Preciado e Donna Haraway, pretendemos explorar as possibilidades e limites dessa estética vivida, analisando de maneira crítica a vídeo-performance “The Pandrogeny Manifesto” (2006) enquanto fonte primária. O projeto consistiu em uma performance contínua que se estendeu até o final da vida de Lady Jaye (2007), de Genesis (2020) e, com elus, de pandrógine em si. Essa experiência nos permite questionar: onde termina a performance e onde começa a vida? Elus saciariam um dia o desejo de transformação e a negação radical da identidade? Por fim, ainda que se questione quais condições objetivas permitiram que essa experiência fosse possível, Breyer P-Orridge nos instiga a pensar os futuros *queer* de uma (nova?) espécie não mais fadada à conformação.

**Palavras-chave:** androginia; modificação corporal; não binariedade; cirurgia plástica; transgeneridade.

## WE ARE BUT ONE: THE AESTHETICS OF RADICAL TRANSFORMATION IN THE PANDROGENY MANIFESTO

**ABSTRACT:** What if it were possible to fulfill the biblical imperative and make two bodies into one flesh? The Pandrogeny Project set out to explore this very question. Genesis P-Orridge, former vocalist of the industrial band Throbbing Gristle, and Lady Jaye, a nurse and dominatrix, made their relationship a permanent artistic project. A sexual-affective relationship was not enough for them; they desired to materialize their union in their bodies, merging into a single being: the pandrogyn. Inspired by the cut-up technique, they began the process of deconstructing their bodies to become more physically alike, undergoing plastic surgeries and dressing identically. Genesis, initially a cisgender man, underwent a transition to resemble Lady Jaye more closely. Without resorting to biological procreation, they created a third being: Breyer P-Orridge, the pandrogyn being. In dialogue with José Esteban Muñoz, Paul Preciado, and Donna Haraway, we intend to explore the possibilities and limits of this lived aesthetic, critically analyzing the video performance “The Pandrogeny Manifesto” (2006) as a primary source. The project consisted of a continuous performance that extended until the end of Lady Jaye's life (2007) and Genesis's life (2020), and of the pandrogyn itself. This experience allows

us to question: where does the performance end and life begin? Would they ever satisfy their desire for transformation and the radical negation of identity? Finally, even though we might question the objective conditions that made this experience possible, Breyer P-Orridge urges us to think about queer futures of a (new?) species no longer doomed to conformity.

**Keywords:** androgyny; body modification; non-binarity; plastic surgery; transgenderism.

Prayers to pandogeny and breaking sex  
In the beginning all were perfect  
The first man was the first woman  
The first woman was the first man  
Until the whispering began  
She is here  
He is her

(The Pandrogeny Manifesto, 2006)

## **INTRODUÇÃO: *IN THE BEGINNING ALL WERE PERFECT***

No Livro de Gênesis conhecemos a versão cristã para o surgimento de todas as coisas, inclusive da vida humana. Segundo o texto, após criar o primeiro homem e observar sua solidão, Deus retirou-lhe uma costela e fez com ela a primeira mulher (Gn, 2, 21-23). Interpretações teológicas afirmam que esta seria uma evidência da androginia de Adão: o homem continha no interior de si mesmo, física e espiritualmente, a mulher (Eliade, 1991; Franco Jr., 1992). O versículo bíblico sobre o “casamento” evoca a criação divina e diz que, a partir da união, voltarão a ser um só (Gn, 2, 24; Mc, 10, 6-9). E se fosse possível consumir o imperativo bíblico e fazer de dois corpos uma só carne? O Projeto Pandrógine de Breyer P-Orridge se propôs a levar adiante essa indagação.

Genesis P-Orridge, nome social sugestivo de ex-vocalista da banda industrial Trobbling Gristle e da experimental Psychic TV, e Lady Jaye<sup>1</sup>, enfermeira e dominatrix, fizeram de sua relação um projeto artístico permanente. Um relacionamento sexual-afetivo não lhes era suficiente; desejavam materializar em seus corpos sua união, a ponto de se tornarem um único ser: pandrógine. Inspirando-se na técnica *cut-up*, iniciaram o processo de desconstrução de seus corpos para tornarem-se cada vez mais semelhantes fisicamente, realizando cirurgias plásticas e vestindo-se idêntiques. Genesis, inicialmente

---

<sup>1</sup> Quanto aos pronomes, elas preferiam a primeira pessoa do plural neutro ao fazer referência a Breyer P-Orridge, em inglês “they/their”, o que podemos traduzir de maneira mais próxima como “elus/delus”. Lady Jaye preferia “she” e “her” em sua língua original, portanto “ela” e “dela”; já Genesis preferia “s/he” e “h/er”. Neste caso, a tradução dificulta a apreensão pretendida, uma vez que “s/he” contém, na mesma palavra, os pronomes “ela” e “ele”, discerníveis pela barra após o “s”. Em português, a opção mais próxima é “ela/e”, mas se perde a intenção da simultaneidade de gêneros representados na palavra (ver o uso dos pronomes em Hurst e Dolezal, 2018, p. 392).

um homem cisgênero<sup>2</sup>, submeteu-se ainda à transição de gênero para se aproximar de Lady Jaye. Sem se render à procriação biológica da espécie, juntas, elus criaram um terceiro ser: Breyer P-Orridge, o ser pandrógino.

Em diálogo com José Esteban Muñoz, Paul Preciado e Donna Haraway, pretendemos explorar as possibilidades e limites dessa estética vivida, analisando de maneira crítica a vídeo-performance “The Pandrogeny Manifesto” (2006) enquanto fonte primária. Parte de uma produção de arquivo constante, para o qual Breyer P-Orridge produziram todo tipo de registros artísticos sobre suas vidas, o vídeo atualmente está disponível na internet na plataforma YouTube, apenas em canais não oficiais e em baixa resolução de imagem, dividido em três partes. Na primeira, há a leitura do texto do manifesto em si. Na segunda, há as cenas dos processos cirúrgicos. Na terceira, vemos o momento pós-cirúrgico, onde a recuperação está em processo. Em vez de nos apresentar um “antes” e “depois”, o que vemos no vídeo e discutiremos é o “entre”, o espaço intersticial glamourizado.

### **GENESIS & LADY JAYE: *THE FIRST MAN WAS THE FIRST WOMAN***

Genesis Breyer P-Orridge, nascido em 1950 na cidade de Manchester, Inglaterra, foi vocalista da precursora banda de música industrial Throbbing Gristle. Participou da comunidade alternativa Transmedia Explorations no final dos anos 1960 e, em seguida, fundou o coletivo artístico COUM Transmissions (1969 – 1976), inspirando-se no dadaísmo. O coletivo apresentou, em 1976, uma exposição no Instituto de Artes Contemporâneas de Londres, com fotos pornográficas, esculturas feitas de absorventes usados e travestis como seguranças. Enfrentaram críticas da imprensa que considerou suas obras vulgares, mas os artistas reagiram incorporando essas críticas na própria exposição. Em 1981, Genesis fundou o Thee Temple ov Psychick Youth, uma ordem ocultista influenciada pela magia do caos, e entrou como vocalista para a banda experimental Psychic TV. Em 1993, Genesis passou a sofrer cada vez mais perseguições ao ser acusado de praticar satanismo e infanticídios, acusações cujas investigações revelaram falsas, e se autoexilou nos Estados Unidos.

Jacqueline Breyer, conhecida como Lady Jaye, era uma enfermeira nova-iorquina de 26 anos que trabalhava no tratamento paliativo com crianças e tinha experiência em salas de cirurgia. À noite,

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para se referir à pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, portanto uma pessoa não-transgênera (Cava; Braga, 2022).

atuava como dominatrix<sup>3</sup>. A carreira de Lady Jaye, tanto na dominação quanto na área da saúde, era anônima até seu encontro com Genesis, o qual conheceu como um frequentador de uma masmorra de BDSM<sup>4</sup> em que trabalhava em 1993 (Orden, 2009; Hoby, 2016). Ao se verem pela primeira vez, ambes apaixonaram-se imediatamente: “We fell in love the minute we saw each other, and as we became more and more obsessively in love, we had that whole feeling of ‘I wish I could eat you up. I wish I could just take you, and I become you and you become me’”<sup>5</sup> (Orden, 2016), conta Genesis. A vontade de comerem-se mutuamente, fundirem-se e tornarem-se um ao outro começou a ser efetivada em 2003, no décimo aniversário de relacionamento, quando, no dia dos namorados, presentearam-se com um par de implantes de silicone para cada.

A parceria foi um fértil espaço criativo para pensar em formas de estreitar ainda mais os laços que es uniam. Juntar seus DNA's na geração de um filho, um ser autônomo e externo, não lhes parecia ser suficiente para expressar o que sentiam; inclusive, Genesis já possuía duas filhas, Genesse e Caresse, do primeiro casamento, as quais atualmente tomam conta do vasto arquivo de produções artísticas de ambes e gerenciam as exposições em galerias. Ocorreu-lhes, então, uma ideia: “What if they altered their bodies to become a third entity, neither male nor female, but free from the binary framework that they saw as destructive?” (Leland, 2018)<sup>6</sup>. Decidiram criar o ser pandrógine, uma terceira entidade que surgiria através da união de seus corpos, processo que fizeram através de várias técnicas explicadas a seguir, incluindo cirurgias plásticas, para se tornarem cada vez mais parecidas.

Ambes já demonstravam interesse em práticas de modificação corporal, Lady Jaye pela sua história com o BDSM e Genesis por ser um precursor em várias áreas, desde a década de 1970 realizando tatuagens e piercings genitais: “P-Orridge had been an early proponent of piercing and ritual cutting or scarring. The pandrogyne was their way of applying Burroughs’s and Gysin’s ‘Cut-Up’ technique to their own flesh”<sup>7</sup> (Leland, 2018). Ao todo, gastaram mais de 200 mil dólares com os procedimentos estéticos. O investimento proveio de um processo que Genesis P-Orridge ganhou

<sup>3</sup> Segundo Maria Filomena Gregori (2014, p. 61), “Dominatrix é a dominadora profissional (a que vende seus serviços na dominação feminina)”.

<sup>4</sup> Sigla que reúne as práticas sexuais de bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo (Gregori, 2014).

<sup>5</sup> “Nós nos apaixonamos no minuto em que nos vimos, e à medida que nos tornamos cada vez mais obsessivamente apaixonados, tivemos aquela sensação de ‘Eu gostaria de poder te devorar. Eu gostaria de simplesmente te absorver, de modo que eu me torne você e você se torne eu’” (Genesis P-Orridge em entrevista para Orden, 2016, tradução nossa).

<sup>6</sup> “E se elus alterassem seus corpos para se tornarem uma terceira entidade, nem masculina nem feminina, mas livre da estrutura binária que eles viam como destrutiva?” (Leland, 2018, tradução nossa).

<sup>7</sup> “P-Orridge foi um dos primeiros proponentes de piercing e corte ritual ou escarificação. A pandrogenia era sua maneira de aplicar a técnica de ‘Cut-Up’ de Burroughs e Gysin em sua própria carne” (Leland, 2018, tradução nossa).

contra o produtor Rick Rubin e a gravadora American Recordings, por ter sofrido lesões graves durante um incêndio no estúdio (Reiss, 1998; Leland, 2018).

### ***UNTIL THE WHISPERING BEGAN: O MANIFESTO***

O vídeo *The Pandrogeny Manifesto* (2006) de 22 minutos, dirigido por Dionysos Andronis e Aldo Lee, apresenta as artistas Genesis P-Orridge e Lady Jaye Breyer P-Orridge interpretando a si mesmas durante a leitura do próprio *Pandrogeny Manifesto*. O vídeo inicia com Genesis enquadrada em plano médio, à frente de uma parede vermelha, vestida com uma blusa de mangas longas listrada na horizontal em preto e branco, maquiada com batom vermelho e uma sombra clara nos olhos, esmaltes nas unhas, usando anéis e um par de brincos (Figura 1).

Nos primeiros segundos, Genesis e Lady Jaye, atrás da câmera, sussurram algumas palavras evocativas que soam como “oh God”, mas pouco discerníveis, enquanto Genesis faz movimentos circulares com a mão direita em torno do pequeno pedaço de papel que se encontra em sua mão esquerda, como um ritual inicial de uma oração. Tem-se a impressão de que o verso do cartão que segura remete a uma pagela devocional, o conhecido “santinho” católico. A imagem, que se assemelha a um retrato de Jesus Cristo segundo uma interpretação ocidental, é a obra “*Transgen Sacredheart*” (2003), uma releitura do tema do sagrado coração. O rosto de Cristo está acoplado ao corpo de Genesis, com uma bolsa de sangue no formato de um coração sobre o peito nu de silicone (Figura 2).

Genesis inicia então sua oração: “Prayers to pandrogeny and breaking sex: In the beginning all were perfect. The first man was the first woman. The first woman was the first man. Until the whispering began. She is here. He is her”<sup>8</sup> (*The Pandrogeny Manifesto*, 2006)<sup>9</sup>. Seus primeiros versos remetem ao paraíso bíblico em que tudo era perfeito, o primeiro homem e a primeira mulher eram o mesmo ser, compartilhavam o mesmo corpo, até que algo muda a narrativa: a mulher está aqui. O que poderiam ser os tais sussurros? Mas ela é ele, e ele é ela. Essa afirmação escreve-se “S/HE IS HER/E”, onde uma frase contém a outra dentro de si, ele dentro dela e vice-versa.

Na cena seguinte, estão ambas sentadas num cômodo com grades e uma janela. Genesis aparece de frente para a câmera em plano médio, enquanto Lady Jaye está posicionada à esquerda, em

---

<sup>8</sup> “Preces para a pandrogenia e rompendo com o sexo: / No início, tudo era perfeito / O primeiro homem era a primeira mulher / A primeira mulher era o primeiro homem / Até que os sussurros começaram / Ela está aqui / Ele é ela” (tradução nossa).

<sup>9</sup> A partir deste trecho, todas as transcrições citadas referem-se ao *The Pandrogeny Manifesto* (2006).

primeiro plano e de perfil, vestida com o mesmo figurino (Figura 3). Genesis lê: “DNA is an evolutionary parasite and our body is a merely the host environment in a symbiotic relationship with it. Our species replicates as much to perpetuate DNA is to perpetuate the species. Hence, one playful linguistic Breyer P-Orridge slogan: DNA, A.N.D.”<sup>10</sup> A cena muda e ambas trocam de lugares. Vemo-nos agora espelhadas, o ambiente se inverte e Genesis se posiciona à direita, enquanto Lady Jaye declara:

In fact, we see the eye of our consciousness as a fictional assembly of collage that resides in the environment of the body. One of the central themes of our work is the malleability of physical and behavioral identity. The body is used by the mind as a logo for the self before we are able to speak language, it is almost a holographic doll constructed by outside expectations even before our body is born.<sup>11</sup>

O trocadilho entre DNA e “and” (“A.N.D.”), a palavra em inglês para a conjunção “e”, remete à relação simbiótica mencionada, portanto produtiva e de benefício mútuo, onde o DNA seria o parasita, cuja função afirmam ser a perpetuação da espécie humana. Mencionam a técnica da colagem como parte da metodologia para fazerem o que consideram fundamental em seu trabalho, testar a “maleabilidade da identidade física e comportamental”. Prosseguem com a crítica do corpo e do gênero, bem como às expectativas sociais impostas.

If a baby’s gender is known early in a pregnancy the embryo will to some extent hear and feel its parents’ preconditions. These hopes and expectations are far more complex than we imagined. Even the name we are assigned is another holographic program in the prophetic story of who we are to become. Our identity is fictional, written by parents, relatives, education, society.<sup>12</sup>

O trecho acima elucidada o quanto a medicina atua como tecnologia de gênero e disciplina para vigiar o corpo do feto e engendrar-lo através de aparelhos, como os de ultrassonografia que detectam seu genital antes do seu nascimento. Esta constatação fisiológica dará ao bebê um “destino” baseado em seu sexo, ou ao menos imporá determinadas expectativas sociais, considerando que o sistema sexo-gênero associa a genitalidade às construções sociais dos gêneros. Ao desvelar o quanto o gênero está

---

<sup>10</sup> “O DNA é um parasita evolutivo, e nosso corpo é meramente o ambiente hospedeiro em uma relação simbiótica com ele. Nossa espécie se replica tanto para perpetuar o DNA quanto para perpetuar a espécie. Daí vem um slogan linguístico lúdico de Breyer P-Orridge: DNA, A.N.D.” (tradução nossa).

<sup>11</sup> “Na verdade, vemos o olho de nossa consciência como uma montagem fictícia de colagem que reside no ambiente do corpo. Um dos temas centrais do nosso trabalho é a maleabilidade da identidade física e comportamental. O corpo é usado pela mente como um logotipo do eu antes de sermos capazes de falar uma linguagem; é quase uma boneca holográfica construída pelas expectativas externas, mesmo antes de nosso corpo nascer” (tradução nossa).

<sup>12</sup> “Se o sexo de um bebê for conhecido no início da gravidez, o embrião ouvirá e sentirá até certo ponto as pré-condições de seus pais. Essas esperanças e expectativas são muito mais complexas do que imaginamos. Até mesmo o nome que nos é atribuído é outro programa holográfico na história profética de quem nos tornaremos. Nossa identidade é fictícia, escrita por pais, parentes, educação, sociedade” (tradução nossa).

impregnado nos sujeitos – até mesmo no nome que se lhes atribui – e apontar o gênero – e a identidade que se constrói em torno deste – como ficcional, Breyer P-Orridge tentam olhar “ao mesmo tempo dentro e fora da representação” do que Teresa de Lauretis (2019, p. 132) chama de “ideologia de gênero”, o que viabiliza que normas e expectativas de gênero sejam internalizadas, reproduzidas e mantidas dentro de uma sociedade.

Há um corte no vídeo para uma imagem estática, uma composição de fotos quadradas em preto e branco de várias fases da vida de Genesis. Mencionam mais uma, e que consideram a principal, técnica: “The work of William Burroughs and Brion Gysin has been highly influential particularly in relation to the practice of the cut-up.”<sup>13</sup> Em Burroughs e Gysin recuperam a inspiração para o projeto: “In many ways, they saw the third mind as an entity in and of itself and themselves, something other closer to a purity of essence and the origin and source of magical or divine creativity that could only result from the integration of two.”<sup>14</sup> Em novo corte, vemos por um instante ambas abraçadas, olhando-se, metaforicamente unidas (Figura 4).

Breyer P-Orridge experiment with various disciplines and practices to apply the cut-up to behavior, to identity, to gender and to deconditioning as far as possible the fictional character written by consensus reality. Breyer P-Orridge have attempted to cut-up, erase, jumbled, collage, highlight and crossfade every possible inherited perception and take nothing for granted.<sup>15</sup>

Nesse trecho, afirmam que utilizaram as disciplinas e as tecnologias de gênero a seu favor, em uma tentativa de tomar consciência das normas sociais e dos condicionamentos a que estavam submetidos e, ao mesmo tempo, de retomar o controle, pensar formas possíveis de estar no mundo. Para tornar isso possível, as técnicas que descrevem remetem ao trabalho manual da técnica de recorte e colagem. Ou seja, cortar, apagar, embaralhar, destacar, colar, remontar, reorganizar e recriar. Mencionam o *crossfade* das percepções herdadas. Essa técnica utilizada na edição de som e audiovisual intenciona fazer uma imagem ou som aparecer ou ser ouvido gradualmente enquanto outro desaparece lentamente ou silencia. A técnica representa bem o processo do projeto: a transição de serem dois

---

<sup>13</sup> “O trabalho de William Burroughs e Brion Gysin foi altamente influente, particularmente em relação à prática do *cut-up*” (tradução nossa).

<sup>14</sup> “De muitas maneiras, eles viam a terceira mente como uma entidade em si mesma e neles mesmos, algo mais próximo de uma pureza de essência e da origem e fonte de criatividade mágica ou divina que só poderia resultar da integração de dois” (tradução nossa).

<sup>15</sup> “Breyer P-Orridge experimentou várias disciplinas e práticas para aplicar o *cut-up* ao comportamento, à identidade, ao gênero e ao descondicionamento, tanto quanto possível, do personagem fictício escrito pela realidade consensual. Breyer P-Orridge tentou cortar, apagar, embaralhar, colar, destacar e fazer *crossfade* em todas as percepções herdadas possíveis e não tomar nada como garantido” (tradução nossa).

seres para se tornarem um só. Uma imagem que se forma aos poucos e se constitui ao longo dos procedimentos estéticos, através da incorporação de novas práticas corporais.

Figura 1 - Genesis P-Orridge lendo a pagela (2006)



Figura 2 - “Transgen Sacredheart” (2003)



Figura 3 - Lady Jaye e Genesis, declarando o Manifesto Pandrógine (2006)



Figura 4 - Breyer P-Orridge, união através do ser pandrógine (2006)



Fonte: The Pandrogeny Manifesto, 2006.

Just as Burroughs and Gysin collaborate together, subsuming their separate works, individuality and ego to a creative process by cutting up the word to produce a third mind, so, in our current practice, Breyer P-Orridge have applied the cut-up process and the third mind concept directly to a central concern: the fictional self. The unauthorized a story of our lives so far.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> “Assim como Burroughs e Gysin colaboram juntos, subsumindo suas obras separadas, individualidade e ego a um processo criativo ao cortar a palavra para produzir uma terceira mente, então, em nossa prática atual, Breyer P-Orridge aplicou o processo de corte e o conceito de terceira mente diretamente a uma preocupação central: o eu ficcional. O não autorizado, uma história de nossas vidas até agora” (tradução nossa).

Burroughs e Gysin (1978) explicam o que entendem como “a terceira mente”. Trata-se do resultado da fusão de duas subjetividades, anteriormente independentes, colidindo em uma prática artística que se metamorfoseia através de um terceiro autor invisível. Com isso, dizem que o produto é mais do que a junção da obra de dois autores racionais e com total poder sobre suas obras, negando, inclusive, essa posição. Surge no processo algo que escapa à racionalidade de ambos, abrindo espaço para o imprevisível e para o imprevisível. Borrando as fronteiras entre ficção e teoria, dizem ser a negação do próprio livro ou da sua representação.

Breyer P-Orridge aplicam esse movimento a outro processo artístico, mas, no lugar da colagem do texto, como fazem Burroughs e Gysin, usam como matéria-prima seus corpos e identidades: “Breyer P-Orridge both subsume our separated bodies, individuality and ego to an ongoing, a substantially irreversible process of cutting up the identity to produce a third being and other entity that we call the pandrogyné.”<sup>17</sup> Rechaçam a ideia do “corpo como um templo”, ou divino de alguma maneira. Essa ideia lhes dá uma sensação de limitação e mesmo de conformação com um destino supostamente inexorável. Operam, então, uma dessacralização de seus corpos para se abrirem à sua manipulação.

In general, for society, the body retains a certain sanctity it is God given, a gift that we should be happy with and perhaps like a child at Christmas show no signs of disappointment if upon looking we didn't get what we truly desired.

Both of the artists that represent Breyer P-Orridge are prepared to express their dissatisfaction with this fatalistic and redundant view of the physical body and to go farther and embrace all the surgical, chemical and psychological advances that will enable them to create the new pandrogyné.<sup>18</sup>

No trecho seguinte, as artistas expõem a forma como compreendem o corpo: “Lady Jaye calls the human body a cheap suitcase that we carry around our consciousness, ourself in”<sup>19</sup>. Já “Genesis Breyer P-Orridge likens it to a coral reef, a sophisticated biosystem that allows our consciousness to be mobile”<sup>20</sup>. Lady Jaye tem uma visão mais depreciativa sobre a materialidade do corpo, como um

---

<sup>17</sup> “Breyer P-Orridge submetemos nossos corpos separados, individualidade e ego, a um processo contínuo e substancialmente irreversível de corte da identidade para produzir um terceiro ser e outra entidade que chamamos de pandrógine” (tradução nossa).

<sup>18</sup> “Em geral, para a sociedade, o corpo retém uma certa santidade, é um presente dado por Deus, um presente com o qual deveríamos ficar felizes e talvez, como uma criança no Natal, não mostrar sinais de decepção se, ao olhar, não obtivermos o que realmente desejamos.

Ambas as artistas que representam Breyer P-Orridge estão preparadas para expressar sua insatisfação com essa visão fatalista e redundante do corpo físico e ir mais longe e abraçar todos os avanços cirúrgicos, químicos e psicológicos que lhes capacitarão a criar o novo pandrógino” (tradução nossa).

<sup>19</sup> “Lady Jaye chama o corpo humano de ‘uma mala barata na qual carregamos dentro nossa consciência, nós mesmos’”.

<sup>20</sup> “Genesis Breyer P-Orridge o compara a um recife de corais, um biosistema sofisticado que permite que nossa consciência seja móvel” (tradução nossa).

mero receptáculo da consciência. Essa concepção dá maior importância à consciência, à mente que habita o corpo, dissociando-a de sua corporalidade.

Por um lado, Lady Jaye compara o corpo a um objeto inanimado que serve de recipiente para a consciência, ou seja, uma mala, portanto vazia na ausência dessa consciência. Por outro, Genesis tece uma comparação com um ser não-humano, porém vivo e múltiplo, como é o caso de um recife, um ecossistema formado por corais duros. O recife é considerado a maior estrutura viva do planeta e abriga cerca de um quarto da biodiversidade marinha (National Geographic Brasil, 2023). Como um superorganismo complexo onde ocorrem também relações simbióticas, os recifes estão entre os animais que nos fazem questionar o que se entende por indivíduos biológicos e mesmo por individualidade, mostrando que as fronteiras entre o que consideramos um “indivíduo” e um “coletivo” podem ser mais fluidas, dependendo do contexto biológico, ecológico e evolutivo e, por que não, histórico-social (Gilbert; Sapp; Tauber, 2012; Haraway, 2023).

Apesar de estarem ambas artistas de acordo com o que dizem em seu manifesto – ele mesmo uma colagem, feito por meio de recortes sobre como entendem seu projeto – e do texto como um todo ser a manifestação dessa terceira consciência, observamos que há algumas sutis contradições inerentes ao conteúdo. Lady Jaye replica a separação cartesiana entre corpo e mente, levando-nos a interpretar que, tal como afirmam na sequência, sentem-se presos a um corpo. O projeto pandrógino seria esse ato de libertar a mente da prisão do corpo, ansiando pela transcendência quase espiritual. Mas Genesis elabora uma outra visão, entendendo o próprio corpo como algo coletivo, cooperando em direção a um objetivo em comum – neste caso, a experimentação em si, sendo o próprio processo esse objetivo -, portanto como um meio, um tipo de “criaturas sempre-em-processo” (Haraway, 2022), mas não menos importante que a mente. Para Genesis, o corpo tem em si a potência para executar o que propõe a mente.

O que se segue é o esclarecimento sobre a questão de gênero:

Breyer P-Orridge feel that their practice is not as concerned with gender as it might first seem. Some people feel they are man trapped in a woman's body. Some people feel they are woman trapped in a man's body. Breyer P-Orridge just feel trapped in a body.

The pandrogyne is a positive androgyne, more hermaphrodite than any gender. The pandrogyne is our third entity, but not the third gender.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> “Breyer P-Orridge sentem que sua prática não está tão preocupada com gênero quanto pode parecer à primeira vista. Algumas pessoas sentem que são homens presos no corpo de uma mulher. Algumas pessoas sentem que são mulheres presas no corpo de um homem. Breyer P-Orridge simplesmente se sentem presas em um corpo” (tradução nossa).

Novamente, o corpo aparece como prisão da mente. Fazem referência a relatos de experiências de pessoas transexuais, como o sentimento de pertencimento ao gênero oposto ao que foram designados desde o nascimento, mas se diferenciando dessa situação. Breyer P-Orridge incorporaram em seu projeto aspectos pertencentes à transição de gênero tanto em escala de intervenção cirúrgica, com cirurgias de afirmação de gênero, como os implantes de silicone nos seios e procedimentos faciais, quanto em escala celular, com tratamento hormonal. Entretanto, para elus, apesar de ser algo relevante para o debate público, a questão da transgressão às normas de gênero é considerada um elemento secundário. Não se trata de uma transição para satisfazer uma condição inata, mas uma decisão de usar sua capacidade de agência para fins de experimentação artística e pessoal. O foco é a criação de seu andrógino total, pandrógine, o qual consideram positivo, ou seja, é a sua própria afirmação, e não a negação de um gênero. Não é, tampouco, para elus, um terceiro gênero.

Ao mencionar a androginia, resgatam a herança do andrógino psicológico que estava presente na proposta da androginia científica entre as décadas de 1960 e 1980 (Morgan, 1982). Este é um andrógino interno, o qual busca um equilíbrio entre o masculino e o feminino que faz dele nem masculino, nem feminino. Confundem-no com a figura do hermafrodita, ao dizer que o ser pandrógino é “mais hermafrodita do que qualquer gênero”. Neste trecho, mesclam-se as categorias de sexo e gênero, com o antigo hermafrodita que possui ambos os sexos, e o gênero enquanto construção social sobre os corpos.

Essentially though, we are committed to working towards the nearest we can to be looking the same by surgical procedures. Thereafter, it is a matter of intent and impression. The idea and the total commitment to the idea, not the ideal, is our path. We are required over and over again by our process of cutting up our bodies to create a third conceptually more precise body to let go of a lifetime's attachment to the physical logo that we visualize automatically as the eye in our internal dialogue with self.

Breyer P-Orridge are going as deeply as they can to rebuild in order to avoid our own unconscious and conscious preferences and aesthetics. We believe how we look as the pandrogyne as nearly as possible to random chance and various surgeons. As time progress, we will have been through as many medical procedures as we feel illustrates our idea of pandrogeny. This work is not just physical, we are also beginning slowly to explore the surprisingly profound effects of being lost, so totally and lovingly in the mirror of another being. We are not trying to look our best or even look better, we were happy with our bodies as they were in terms of that.<sup>22</sup>

---

O pandrógino é um andrógino positivo, mais hermafrodita do que qualquer gênero. O pandrógino é nossa terceira entidade, mas não o terceiro gênero” (tradução nossa).

<sup>22</sup> “Essencialmente, porém, estamos comprometidos em trabalhar para o mais próximo que pudermos de parecer e mesmo por meio de procedimentos cirúrgicos. Depois disso, é uma questão de intenção e impressão. A ideia e o comprometimento total com a ideia, não com o ideal, é o nosso caminho. Somos obrigados repetidamente pelo nosso processo de cortar nossos corpos a criar um terceiro corpo conceitualmente mais preciso para abandonar o apego de uma vida inteira ao logotipo físico que visualizamos automaticamente como o olho em nosso diálogo interno com o eu.

Ao explicar sobre suas intenções com as cirurgias, destacam a predominância da ideia, mas não de um “ideal” de beleza. Os procedimentos visavam que ficassem mais fisicamente parecidas, não com um padrão de corpo socialmente imposto, mas consigo mesmas, mutuamente. As cirurgias ressaltaram ou atenuaram traços que ambas já possuíam, como o formato do queixo, altura das bochechas, espessura das cinturas e quantidade de mililitros de silicone na prótese. Diziam que estavam contentes com seus corpos, portanto as cirurgias não foram motivadas por qualquer insatisfação. Não queriam, tampouco, parecer mais bonites. Frequentemente, por outro lado, as matérias descreveram o resultado do visual de Breyer P-Orridge comparando com Courtney Love e Debbie Harry, ícones do rock e das subculturas (Orden, 2009; Hurst; Dolezal, 2018).

Rachel Alpha Johnston Hurst e Luna Dolezal (2018) questionam até que ponto tal resultado estético foi, de fato, tão aleatório quanto Breyer P-Orridge gostariam. Ainda que não tenham “escolhido” conscientemente as características que produziram, o resultado reuniu alguns padrões estéticos: o preenchimento de lábios, a lipoaspiração, o *lifting* para um rosto mais fino com feições europeias e os cabelos loiros. Ambas já possuíam algumas dessas características, sendo elas mesmas inglesas – Genesis – e estadunidenses – Lady Jaye – e provindes de um espaço geográfico privilegiado por sua hegemonia cultural. Há, por outro lado, os fatores que regulam a disciplina médica e ditam seus limites.

Hurst e Dolezal (2018) afirmam que a reprodução de padrões normativos se deveu principalmente pelo trabalho dos cirurgiões homens envolvidos e pelas limitações das cirurgias em nossa época<sup>23</sup>. As cirurgias e os resultados que se obtém delas refletem o que há de disponível nos campos farmacológicos em cada momento histórico e, mesmo as mudanças que se observam, são pensadas numa intenção de satisfazer novas normatizações, novas “tendências” estéticas. A quantidade de especialistas que trabalham nas áreas da “indústria farmacêutica – que inclui a extensão legal das indústrias científicas, médicas e cosméticas, bem como tráfico de drogas consideradas ilegais”

---

Breyer P-Orridge está indo tão fundo quanto pode para reconstruir a fim de evitar nossas próprias preferências e estéticas inconscientes e conscientes. Acreditamos que nossa aparência como pandrógina é o mais próxima possível do acaso e de vários cirurgiões. Com o passar do tempo, teremos passado por tantos procedimentos médicos quanto acharmos que ilustram nossa ideia de pandrogenia. Este trabalho não é apenas físico, também estamos começando lentamente a explorar os efeitos surpreendentemente profundos de estar perdidos, tão total e amorosamente no espelho de outro ser. Não estamos tentando ter a melhor aparência ou até mesmo parecer melhores, estávamos felizes com nossos corpos como eles eram em termos disso” (tradução nossa).

<sup>23</sup> Hurst e Dolezal (2018) trazem esta crítica de maneira mais completa, bem como uma comparação do trabalho de Breyer P-Orridge com a obra pioneira “*Reincarnation of Saint-ORLAN*”, da artista ORLAN, que realizou uma série de nove cirurgias entre 1990 e 1993.

(Preciado, 2023, p. 35) – pensando em práticas de modificações corporais que não versem, necessariamente, sobre um padrão de beleza é muito inferior à quantidade que se dedica apenas a satisfazer os desejos do mercado (Hurst; Dolezal, 2018).

The practice of becoming two parts of one new being that exists more fully when we are physically together is our objective. Reunion of the fragmented itself to create a self-determined identity is important to us.

Another very important aspect of our practice is the expression of deeply romantic chivalrous love. Breyer P-Orridge love each other so much that they wish to surrender their bodies to that same place of serenity where their hearts already reside.

We are but one.<sup>24</sup>

Salientam o que consideram o âmago de seu trabalho, a união da individualidade fragmentada para a criação de um novo ser que existiria mais completamente ao estarem fisicamente juntos. Pontuam o que seria a motivação de seu desejo por se tornarem um, o amor romântico que sentiam um pelo outro, e declaram esse amor em seu manifesto (Figura 6). Na cena, enquanto Lady Jaye pronuncia as palavras de amor recíproco, Genesis orgulha-se num sorriso. Em 2007, com o falecimento de Lady Jaye por conta de um câncer no estômago, essa união física de ambos os corpos deixou de ser possível. Entretanto, Genesis prosseguiu com o projeto e considerou que o ser pandrógine continuou a existir, mas agora em dois distintos planos, uma das metades no mundo material e outra no mundo espiritual. Portanto, Genesis não se referia ao que aconteceu com Lady Jaye como “morte”, mas sim dizia que ela “dropped her body” (deixou seu corpo) (Miranda, 2010).

Vemos Breyer P-Orridge descendo as escadas de seu apartamento, entrando nos bancos traseiros de um carro e andando pela Nova Iorque noturna ao som tenso e dissonante da música “Persuasion”, de Throbbing Gristle. Um corte retorna ao apartamento, na cena inicial de leitura da pagela. Desta vez, é Lady Jaye quem se posiciona frente à câmera:

Prayers for pandrogeny and breaking sex

Never before has a generation felt such a rage to live, destroy gender, destroy the control of DNA and the expected.

Every man and woman is a man and woman.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> “A prática de nos tornarmos duas partes de um novo ser que existe mais plenamente quando estamos fisicamente juntos é nosso objetivo. A reunião do fragmentado em si para criar uma identidade autodeterminada é importante para nós.

Outro aspecto muito importante da nossa prática é a expressão do amor cavalheiresco profundamente romântico. Breyer P-Orridge se amam tanto que desejam entregar seus corpos ao mesmo lugar de serenidade onde seus corações já residem. Somos apenas um” (tradução nossa).

<sup>25</sup> “Orações para pandrogenia e rompendo com o sexo. Nunca antes uma geração sentiu tanta raiva de viver, destruir o gênero, destruir o controle do DNA e o esperado. Todo homem e mulher é um homem e uma mulher” (tradução nossa).

Após a leitura, o cenário muda para uma sala de cirurgia em preto e branco. A música que se ouve é “*Our Eyes Still Turn: Choice Hard as Tooth*”, de Psychic TV, fazendo-nos sentir como se assistíssemos a uma cena de tortura ou à confecção da Noiva de Frankenstein. Colagens das cenas cirúrgicas, sem narração, sobrepostas ou sequenciadas, lipoaspiração, reconstrução das faces, preenchimento nos lábios, *crossfading* uma após a outra. Os corpos se confundem, nádegas nuas deslizam, seios expostos com metais enfiados sob a pele, pele sendo cortada, puxada, preenchida, esticada, costurada. Os cirurgiões são como espectros sem rosto esvoaçantes em seus jalecos, equipados com luvas e instrumentos pontiagudos como extensões de seus corpos, gases com sangue, tubos de sucção, pinças, bisturis, tesouras e agulhas.

Figura 5 - *Crossfading* do monitor cardíaco com cenas da cirurgia (2006)



Figura 6 - Transformações faciais em um corpo anestesiado (2006)



Figura 7 - Nádegas de Breyer P-Orridge (2006)



Figura 8 - Silicones sendo implantados nos seios (2006)



Fonte: The Pandrogeny Manifesto, 2006.

Nos sete minutos seguintes, as cores voltam à tela como *flashes* de luzes ofuscantes, com a citação de Jean Genet: “Power may be at the end of a gun, but sometimes it's also at the end of the shadow or the image of a gun”<sup>26</sup>. Breyer P-Orridge surgem novamente no carro, em seus vestidos pretos, casacos de pele, óculos escuros e rostos totalmente enfaixados (Figura 9). Nas cenas seguintes, aparecem posando para a câmera. Em um divã vermelho, exibem de lingerie suas faces cobertas, os lábios e olhos que escapam pelas faixas ressaltados com pesada maquiagem (Figura 10). Aparecem lado a lado em outros figurinos combinando, blazers, couro, casacos vermelhos, apresentando diferentes estágios posteriores do seu processo cirúrgico. Curativos localizados, pele roxa e inchada, faixas apertando o contorno das faces ou os seios se intercalam entre sobreposições de ambos os corpos (Figuras 11 e 12). Frente aos espelhos, refletem múltiplos Breyer P-Orridge nus (Figura 13).

Figura 9 – Bandagens cobrindo seus rostos (2006)



Figura 10 – Glamour e sensualidade pós-cirúrgicos (2006)



Figura 11 – Manchas e inchaços pós-cirurgias (2006)



Figura 12 – Na noite nova-iorquina (2006)



<sup>26</sup> “O poder pode estar na ponta de uma arma, mas às vezes também está na ponta da sombra ou da imagem de uma arma” (tradução nossa).

Figura 13 – Reflexos de Breyer P-Orridge (2006)



Figura 14 – Quarto de Breyer P-Orridge (2006)



Fonte: The Pandrogeny Manifesto, 2006.

Alguns *takes* mostram os retornos ao consultório médico após a retirada das faixas. Planejam os próximos passos, as futuras modificações. São colocadas sob a forte luz branca do consultório e examinadas pelo olhar clínico, que indica o caminho. O médico manipula suas faces com as mãos, estica a pele, simula algo que ainda não está lá. No ambiente esterilizado e branco, o médico lava longamente suas mãos. Em contraste, vemos o quarto de Breyer P-Orridge enquanto estão sobre a cama, as cores vivas de sua decoração, texturas, estampas (Figura 14). Talvez além da terceira entidade manifesta em Breyer P-Orridge, possamos considerar que há uma “quarta” intervenção, que diz respeito ao saber-poder médico a que se submetem, com o qual colaboram e junto do qual redesenham sua corporalidade.

A existência desse poder não indica, contudo, submissão:

os termos para uma construção diferente de gênero também existem, nas margens dos discursos hegemônicos. Propostos de fora do contrato social heterossexual, e inscritos em práticas micropolíticas, tais termos podem também contribuir para a construção do gênero, e seus efeitos ocorrem ao nível “local” de resistências, na subjetividade e na auto representação (Lauretis, 2019, p. 142).

Breyer P-Orridge estão atuando, ao mesmo tempo, com e contra esse saber-poder médico. Se se submetem a tais modificações, fazem-no como estratégia para negociar seus objetivos, aproximando pouco a pouco os extremos entre o desejo e o possível. Podemos pensar o processo de “pandrogenização” como uma forma de desidentificação, uma vez que “disidentification is a strategy

that works on and against dominant ideology”<sup>27</sup> (Muñoz, 1999, p. 11), tensionando desde dentro os limites do gênero, das cirurgias plásticas e do próprio corpo.

### ***S/HE IS HER/E: CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Nosso trabalho analisou o Projeto Pandrógino de Breyer P-Orridge, uma experiência estética radical baseada na técnica de recorte de seus corpos. O projeto é uma manifestação artística que desafia e reconfigura normas sociais. Com um componente político ao se negar à submissão às normas de gênero e identidade, o desejo dos artistas de transformar dois corpos em um só, a transformação física e a criação de uma nova identidade são formas de agenciamento que têm implicações profundas nas discussões sobre identidade, corpo, e gênero. A pesquisa focou precisamente nas maneiras como essas diferenças são negociadas e transformadas, oferecendo *insights* para discussões futuras de como a arte pode servir como um instrumento de registro do processo, de um arquivo *queer*, e, ao mesmo tempo, como parte da transformação em si. A transformação física e a criação do pandrógino levantam ainda questões éticas, como os limites da materialidade do corpo, da negação da identidade e da expansão da mente.

Podemos interpretar o manifesto como um comentário crítico sobre a relação entre tecnologia, identidade e subjetividade. Elas nos convidam à reflexão sobre como nossas identidades são moldadas não apenas por discursos sociais e culturais, mas também por avanços tecnológicos que possibilitam novas formas de modificação corporal. As cenas mostram, além do manifesto, cortes dos procedimentos cirúrgicos que realizaram para se parecerem mutuamente. Com afirmações como “Breyer P-Orridge just feels trapped in a body” (“Breyer P-Orridge apenas se sentem presas em um corpo”), elas propõem um processo de desidentificação de gênero – qualquer gênero – por meio dos aparatos do tecnobiopoder, substituindo a produção de beleza padrão pela construção de uma “terceira consciência”. Em outros termos, referiam-se ao pandrógino também como a tentativa de criação de uma outra espécie, para além do que se considera humano.

O processo de “pandrogenização” não somente desafia as normas binárias de gênero, como também questiona a própria ideia de um corpo estável e fixo. Ao submeter-se a múltiplas intervenções cirúrgicas e mudanças estéticas, externas e internas, por meio da negociação com os aparatos

---

<sup>27</sup> “A desidentificação é uma estratégia que funciona a favor e contra a ideologia dominante” (Muñoz, 1999, p. 11, tradução nossa).

farmacopornográficos, Breyer P-Orridge encenaram uma prática performática que desestabiliza noções de autenticidade e naturalidade do corpo. Essa prática sugere que o corpo pode ser um campo de experimentação radical, onde a identidade é constantemente reconstruída, negando a noção fatalista de um eu essencial.

Ainda que o vídeo ateste pontual-temporalmente uma proposição do projeto pandrógino já em curso, o projeto em si consistiu em uma performance contínua que se estendeu até o final da vida, primeiro de Lady Jaye (2007), segundo de Genesis (2020) e, com elus, de pandrógine em si. Essa experiência nos abre a perspectiva de questionar: onde termina a performance e onde começa a vida? Ou ainda, o fim de suas vidas finaliza a performance? Enquanto viverem, elus saciarão um dia o desejo de transformação e a negação radical da identidade? Seria concebível negar o DNA e dar origem a um ser múltiplo? Por fim, ainda que se questione sob quais condições objetivas permitiram que essa experiência fosse possível, Breyer P-Orridge nos instiga a pensar os futuros *queer* de uma (nova?) espécie não mais fadada à conformação.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIAON. Gênesis 2:20-25; Marcos 10:1-12. In: Bíblia Sagrada Online, 2024. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 02 set. 2024.

BURROUGHS, William S.; GYSIN, Brion. **The Third Mind**. Nova Iorque: The Viking Press, 1978.

CAVA, Peter; BRAGA, Patrick de Almeida Trindade; NETO, Rubens Mascarenhas; ZANOLI, Vinícius. Cisgênero e Cissexual. **Revista Nanduty**, [S. l.], v. 10, n. 16, p. 153–159, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/16771>. Acesso em: 02 set. 2024.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino**: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRANCO JR., Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GILBERT, Scott F.; SAPP, Jan; TAUBER, Alfred I. A symbiotic view of life: we have never been individuals. **The Quarterly Review of Biology**, v. 87, n. 4, dez. 2012.

GREGORI, Maria Filomena. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes, **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 47-74, jan.-jun. 2014.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

HOBY, Hermione. The Reinventions of Genesis Breyer P-Orridge. **The New Yorker**, Nova Iorque, Culture Desk, Jun. 29, 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/the-reinventions-of-genesis-breyer-p-orridge>. Acesso em: 25 ago. 2024.

HURST, Rachel Alpha Johnston; DOLEZAL, Luna. Cosmetic Surgery as "Cut-Up": The Body and Gender in Breyer P-Orridge's Pandrogeny. **Configurations**, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 389-409, 2018.

LAURETIS, Tereza de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.

LELAND, John. Genesis P-Orridge Has Always Been a Provocateur of the Body. Now She's at Its Mercy. **The New York Times**, Nova Iorque, 9 nov. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/11/09/arts/music/genesis-p-orridge-throbbing-gristle.html>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MIRANDA, Krista. DNA, AND: A Meditation on Pandrogeny. **Women & Performance: A Journal of Feminist Theory**, v. 20, n. 3, p. 347–53, 2010.

MORGAN, Kathryn Pauly. Androgyny: A Conceptual Critique. **Social Theory and Practice**, v. 8, n. 3, p. 245-283, 1982.

MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications: Queers of color and the performance of politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que são os recifes de coral e como eles se formam? **National Geographic Brasil**, 23 de jun. de 2023.

ORDEN, Erica. I Am My Own Wife. **New York**, Nova Iorque, 4 set. 2009. Disponível em: <https://nymag.com/arts/art/profiles/58864/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

PRECIADO, Paul. **Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

THE PANDROGENY Manifesto. Direção: Dionysos Andronis e Aldo Lee. Artistas: Genesis P-Orridge e Lady Jaye Breyer P'Orridge. Nova Iorque: PTV3, 2006 (22 min). Disponível em: <https://youtu.be/82Y9oGxBVV0?si=Y4UVFrVM1KAGQG8>; <https://www.youtube.com/watch?v=nDPu0qIXaUk>; [https://www.youtube.com/watch?v=\\_fDFiV3gl1E&t=68s&ab\\_channel=FungiBull](https://www.youtube.com/watch?v=_fDFiV3gl1E&t=68s&ab_channel=FungiBull). Acesso em: 11 set. 2024.

**DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:** Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

**FINANCIAMENTO:** O presente trabalho está sendo realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq)

**CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Pâmela Keiti Baena:** Conceitualização, Pesquisa, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

**DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:** A autora declara não haver conflitos de interesse.

**MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER:**

Pâmela Keiti Baena é doutoranda em Sociologia, mestre em Estudos da Condição Humana e licenciada em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos, e graduada em História pela Universidade de Sorocaba.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.